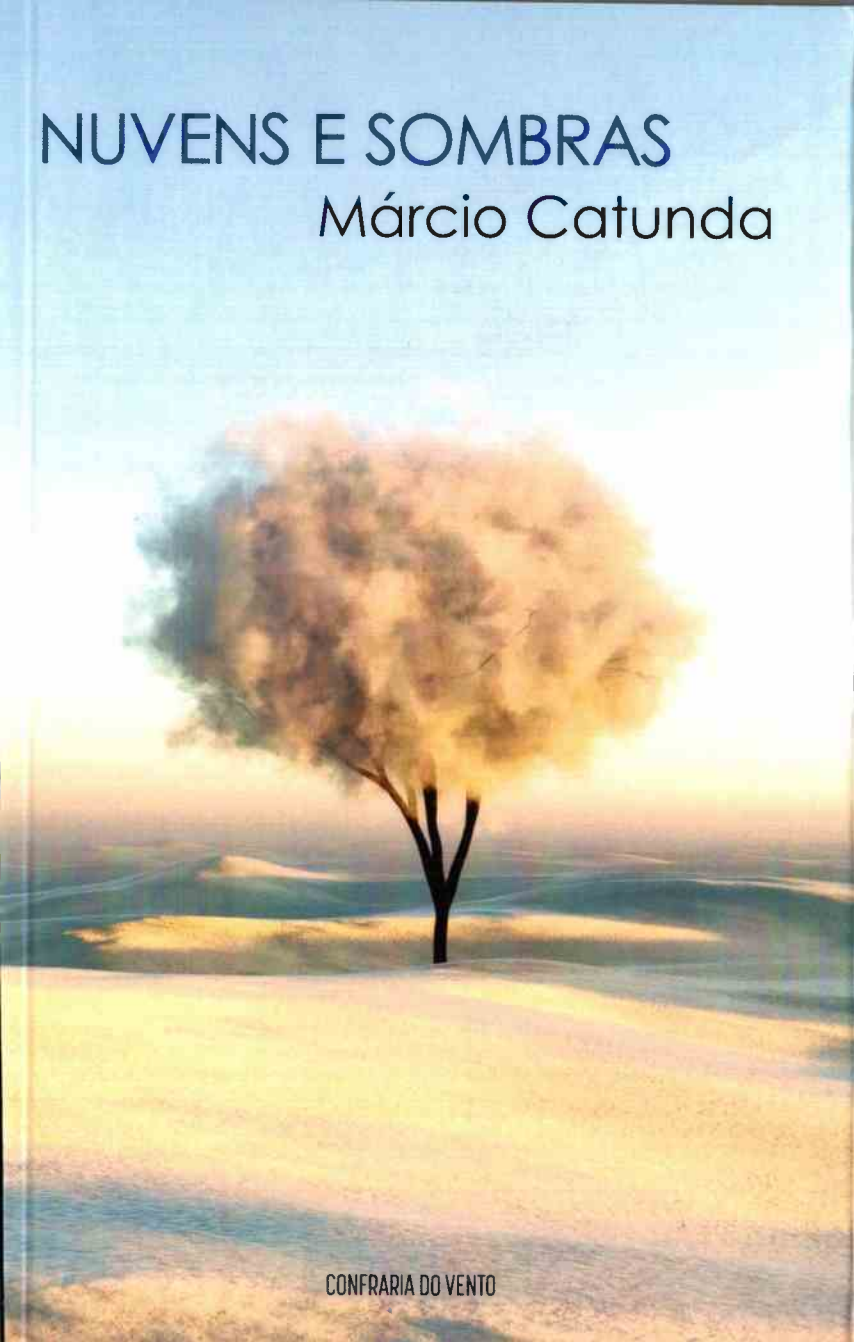


NUVENS E SOMBRAS

Márcio Catunda



CONFRARIA DO VENTO

Márcio Catunda, diplomata e escritor de formação erudita, transita com naturalidade por um ramo da poesia oriental já consolidado entre nós – o haicai. Sonoridade, espontaneidade, síntese. Atento ao cânone, mas sem rigor formal. A poesia em *Nuvens e sombras* percorre a terra, mas expande-se em rio e mar, fogo, ar, asas e luzes, pulsação e vida. Com a precisão de sua bússola poética, Catunda visita reinos e elementos, natureza e arte, cotidiano e transcendência. A temática se desenvolve em dois modos predominantes: Uma subjetividade contemplativa em relação ao mundo externo (natureza, cenas, lugares e nomes), como neste exemplo: *Noite sobre o mar. / O mesmo manto escuro / veste a água e o ar.* Ou na captação desse mesmo mundo externo como estímulo mobilizador para a ação ou reflexão: *Os veleiros meditam / no olhar que contempla / a beleza da tarde.* Alguns haicais trazem a marca do humor e, com o sabor especial da surpresa, geram um movimento: *Começa a chuviscar. / O guarda-chuva me anima / a seguir em frente.* Há um tecido em que as linhas temáticas de água, terra, fogo, ar e éter se cruzam e entrecruzam. É vasta a geografia no universo físico e humano por onde o poeta caminha, despojado navegante do tempo e do espaço, atento ao navegar. Leveza e sensibilidade poética contemplam também um traço de reflexão filosófica: *Barcos vão e vêm / na viagem circular / da existência de tudo.* Ei-lo, em fino quilate, peso pena, múltiplo e inteiro, aqui.

Assis Lima

NUVENS E SOMBRAS

Ao querido Soares Feitosa,
amigo das essências,
estas peripécias quase-japonesas
do seu admirador
Márcio

Fortaleza, 11/1 /2024

NUVENS E SOMBRAS

MÁRCIO CATUNDA

Rio de Janeiro
2023



CONFRARIA DO VENTO

© 2023 Márcio Catunda

Editores
Karla Melo
Victor Paes
Assis Lima

Projeto gráfico
Pranayama Design

Revisão
Victor Paes

Comercial
Felipe Bressane

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Fabio Osmar de Oliveira Maciel – CRB-7 6284

C369n

Catunda, Márcio

Nuvens e sombras / Márcio Catunda. – 1. ed. – Rio de Janeiro :
Confraria do Vento, 2023.
108 p. ; 18 cm.

ISBN 978-65-5844-052-9

1. Poesia brasileira. I. Título.

466-057-23

CDD : 869.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia: Literatura brasileira 869.91

CONFRARIA DO VENTO

Av. Treze de Maio, 13/2010

Cinelândia – Rio de Janeiro/RJ 20031-007

(21) 98352-8793 / (21) 98407-0579

www.confrariadovento.com

comercial@confrariadovento.com

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

SUMÁRIO

CATUNDA, DISCÍPULO DE BASHÔ

ROBERTO EVANGELISTA

9

ÁGUA

15

TERRA

35

FOGO

61

AR

71

ÉTER

89

*Um vento frio.
Sobre os arrozais verdes,
sombras de nuvens.*

Morikawa Kyoroku,
mestre japonês do haikai,
1656-1715.

CATUNDA, DISCÍPULO DE BASHÔ

Século XVII. Em plena Idade Média da Terra do Sol, o poeta Matsuo Bashô compõe uma nova forma poética que o consagra para a história da literatura japonesa e universal.

Samurai, funcionário público, andarilho, misto de monge zen-budista, Bashô concebeu — a partir de outras formas poéticas, Tanka ou Waka, praticadas por aristocratas e cortesãos do império nipônico — uma nova feição poética: um terceto de 17 sílabas: 5 na primeira linha, 7 na segunda e 5 na terceira, denominado haikai ou haiku. Essa é a sua forma clássica, cânone nem sempre reverenciado pelos bardos ocidentais. Mas, ao perdurar o espírito, as transgressões são perdoáveis?

Imaginar o universo contido numa semente de mostarda e conduzir o leitor a uma sensação intensamente prazerosa — é o desafio dos que se propõem a cultores dessa máxima arte mínima.

O sentido ou sentimento poético do haikai deverá estar harmoniosamente agregado aos ciclos vívidos da existência e representar as dinâmicas e

mutações sutis que se expressam por toda a natureza. Sua leitura, preferencialmente silenciosa, será de apelo sensorial, jamais intelectual ou lógico.

E, assim, ao longo da história da literatura ocidental, a captura do momento luminoso, fecundo e fugaz, passou a ser praticada por poetas orientais e ocidentais, embevecidos pelo seu formato e conceito.

E assim, como Issa, Buson e Shiki, discípulos fiéis de Bashô, o poeta Márcio Catunda também se determinou a caminhar nas sendas do mestre, junto a tantos outros poetas ocidentais. Olga Savary, Leminski, Paulo Franchetti e Haroldo de Campos, nossos brasileiros e grandes divulgadores desta *minimal art* literária no Brasil.

Nuvens e sombras é um sol do meio-dia a iluminar suas andanças e íntimas vivências à luz dos elementos que constituem o arcabouço do universo, pois arcam a vida e todos os seus viventes: Água, Terra, Fogo, Ar e Éter.

Exemplo, quando o poeta amalgama o elemento líquido à sua existência:

*Vén de chuva no céu.
Como se desvestir
do hábito de viver?*

*Maré alta
no sonho da onda.
Desperto, sobressaltado.*

Sua clarividência na percepção dos fenômenos naturais — imperceptíveis para os mortais imersos nas tramas virtuais e inóspitas da modernidade —, a viagem e a cartografia do seu próprio ser.

*No mar do poente,
o roteiro enigmático
da frota das nuvens.*

Octavio Paz, ao falar de Bashô, preconiza que o seu haikai nos abre a porta para o Satori, ou seja, o sentido e a ausência de sentido, onde vida e morte coexistem. É o estado de iluminação zen-budista, tal como este de Márcio:

*Extrema humildade:
o caracol imita
a forma da Via Láctea.*

Qual será o cerne dessa poesia e como se dispõe o poeta na captura do instante fugaz? É tão somente uma atitude de isolamento, concentração, foco e execução?

*Hora de suavidade,
depois da chuva.
Não é dia nem noite.*

Das paisagens dessa poesia, está definitivamente ausente a destruição da vida: guerras, doenças, violência urbana. Nada de ódio, vingança ou paixão, sentimentos para enormes audiências insensíveis.

O poeta, no entanto, não se aliena do seu mundo existencial e nem abstrai o leitor do seu cotidiano. O poeta apenas mergulha na paisagem, colhe o que para nós é imperceptível e nos concede um sentimento de vida dinâmico e reflexivo.

O deleite do seu estado contemplativo nos é repassado com uma precisão verbal aferida na configuração do instante luminoso. Virtude advinda da agudeza do seu olhar perante a natureza em seu entorno. Por vezes, a contemplação vem revestida de humor saudável e inteligente.

*Retiro o gorro.
A inspiração vem
pela moleira.*

Para concluir, o haikai não fala de algo, ele é o algo mais. Na sua essência, ele é tudo e o todo do flagrante contemplado. A completude do sentimento.

*Água corrente
vira neblina
no imenso éter.*

Nuvens e sombras, de Márcio Catunda, é uma viagem do chão terra até o éter. Dela voltamos com um olhar mais clarificado para a vida.

*Entardecer sereno.
Belo como a luz
do perdão.*

Boa viagem, de ida e de volta.

Roberto Evangelista *

* Artista visual e poeta, tendo publicado três livros de haicais: *O crisântemo de cem pétalas*, com Luiz Bacellar; *Mínimas orações* (com reedição ampliada) e *Sementes germinadas*, com Márcio Catunda. Deixou pronto o ainda inédito *111 mínimas orações para Bashô, o santo*.

ÁGUA

Véu de água e luz
na claridade azul.
Sombra e quietude.

Fartam-se de luz
os olhos, na sombra morna.
Água pede a boca.

Descalço os sapatos.
Deito-me na cama.
Chove a cântaros.

Colinas verdes,
lago cristal azul
e o céu quase branco.

Banhou-se em meu lago,
bebeu no meu copo,
lua de cristal.

Flui, transformando-se
talvez em si mesma,
a maré fugidia.

A dança da água
reflete o céu dourado.
Espelho ondulante.

Ilhas e navios
no horizonte fulgurante.
Clarividências.

Praia entre montanhas.
As profundezas do azul.
Sussurros do mar.

Lânguidos espasmos,
beijos de luz.
Carícias do mar.

A valsa dos barcos,
ao ritmo das águas,
na festa das ondas.

A onda me diz:
O tempo aquele é ainda.
Agora, já foi?

Barcos vão e vêm
na viagem circular
da existência de tudo.

Na inquietação do mar,
o impulso das ondas
e o eterno retorno.

Os veleiros meditam
no olhar que contempla
a beleza da tarde.

Noite sobre o mar.
O mesmo manto escuro
veste a água e o ar.

No mar do poente,
o roteiro enigmático
da frota das nuvens.

Maré alta
no sonho da onda.
Desperto, sobressaltado.

A quem pertence o navio
que faz ondas
no mar da vida?

O mar inefável
oferece, pródigo,
o seu azul de ternura.

Remanso verde.
Nervuras refletidas
no tecido da água.

Da água e da luz,
o perfume do arco-íris
flutua nas cores.

Água, poeira, luz.
Distinta espessura,
mesma essência.

Em folhas vermelhas,
o cipreste dos pântanos.
Palácio de cristal.

Passeio ocioso,
preocupação zero.
Placidez lacustre.

Véu de chuva no céu.
Como se desvestir
do hábito de viver?

Entre céu e chão,
de estorvar meu passeio,
brinca o chuvisco.

Começa a chuviscar.
O guarda-chuva me anima
a seguir em frente.

A chuva passou
e o clima é favorável.
Alegram-se os passarinhos.

Depois da chuva,
alvíssaras anuncias,
gentil bem-te-vi?

Vou à fonte,
bebo água
e a sede continua.

Luzes cavam fundo
raízes noturnas
no corpo da lagoa.

Enquanto a chuva canta,
um dilúvio grita
na minha mente.

Nas calhas, goteja música.
Toda poça d'água
é um espelho.

Plácidas águas.
O viajante contempla
voos rasantes.

Hora de suavidade,
depois da chuva.
Não é dia nem noite.

Água furtiva,
faz de conta
que és a mesma de ontem.

A chuva fina de setembro
devagarinho encharca
as pedras da calçada.

Dia claro e frio.
Uma pequena fonte
jorra o seu murmúrio.

Noite fria,
luzes no grande tanque:
um teatro encantado.

Sarças e patos
celebram comigo
a fluidez do rio.

Crianças servem migalhas,
e os patos dançam
durante o banquete.

Parque do Retiro:
alegrias na água,
nas crianças e em mim.

Na água fria,
os patos fazem acrobacia.
Campeões de natação.

O rio instila em mim
o frescor das águas
que vem nas ondas da tarde.

Dia sombrio.
Repuxos de água
gelam-me o coração.

Primeira chuva de outono
gelou o céu e a terra.
Ando introspectivo.

O vento ondula
no lago esverdeado.
Anoitecer chuvoso.

Gotas,
plumas translúcidas.
Lucidez celestial.

Janelas glaciais:
nevam pétalas,
grinaldas diáfanas.

De quando tudo foi água
e as colinas, portos,
recordemo-nos, ó noite!

Finas agulhas de água.
Céu em transmutação.
Tarde de setembro.

Trovões: as potestades
arrastam velhos móveis
nas mansões do céu.

Da chaleira à xícara,
fumega o ban-chá.
Tarde fria.

Recomeça o chuveiro.
Um banco sob o cipreste,
meu refúgio.

Os problemas saltam.
Pequenos papéis ao vento.
Estrada chuvosa.

A baía descortina
o cenário dos veleiros:
água, montanhas, edifícios.

Contigo outra vez,
Manzanares.
Sonoridade líquida.

Voa, Tibre manso.
Demanda o sal de outro céu.
Roma rediviva.

Lua de fevereiro:
prateada cordilheira
no céu de Paris.

O tempo se espelha
em líquidos cristais.
Anoitece em Paris.

Novas luzes brilham
na água que corre
no mesmo Léman.

Clarividente emoção.
Tejo desce de Espanha
e se transforma em mar.

Arcos brancos de Aranjuez,
paredes cor de outono.
Chuva fina.

Esplêndida beleza
iluminou-me o olhar.
Cais do Sodré.

Sol nos prédios,
chuva na calçada.
Caminhos inesperados.

Água que busca o mar:
semelhante a mim,
suavemente desliza.

Bebo na torneira
e ando à toa.
Ave, Natura!

TERRA

Reconstruo a casa antiga
que virou escombros.
Engenheiro da memória.

Entre becos e torres,
cruzamos o mundo.
Peregrinos da luz.

Tempo, imperioso,
grande Imperador:
ruínas de Roma.

Outono brincalhão,
olha o resultado
das tuas travessuras!

Terreiro do Paço:
umbral do dia,
fonte de oxigênio.

Os caminhos de Roma
descobriremos,
flor do dia.

Don Antonio é Virgílio.
O Retiro é o Paraíso.
Só falta eu ser Dante.

Genebra encantada.
Tão antiga e renovada.
Eu, envelhecendo.

Circo histrião,
és o velho Corcunda
Della Nostra Dama.

Arcos manchados
pelo pó da intempérie.
O colosso do Coliseu.

Venerável simetria.
Grandeza e sublimidade.
Piazza di San Pietro.

Via dei Fori Imperiali:
a música do tempo
jaz no silêncio das pedras.

O círculo da Piazza del Popolo
sob a custódia das igrejas.
A cruz sobre o obelisco.

Alcalá de Henares:
escada vertiginosa.
Montes, torres e telhados.

Direi ao piedoso Amida,
autor de todas as flores:
valeu a pena ter nascido.

Plaza de Santa Bárbara,
meu *zazen*,
sem mosquito nem *tatami*.

Silencio. Son las tres
en la calle de Gravina.
Hora de siesta.

Almada, ao longe,
desenha no horizonte
o azul da sua sombra.

Cintilante avenida,
como um túnel feérico.
Arc de Triomphe de l'Étoile.

Onze da matina.
Arrasta a mala,
peregrino inquieto!

Tudo é movimento.
A balança balança,
antes do equilíbrio.

Venham, jogadores!
O Homem do Alto
gira a roda da fortuna.

Entre árvores e pássaros,
caminha inebriado
o operário das letras.

Árvores balsâmicas
meus dias alegram
em solidão.

No jardim do poeta,
Cantai a primavera,
pássaros vespertinos!

Passarinho triste
canta na gaiola.
Cantemos para os surdos.

Ah, os passarinhos
da minha rua
continuam cantando!

Precoces, florescem
brancas cerejeiras.
Prodigiosos augúrios.

Tarde silvestre.
Espuma de pétalas
dissolve na rede flores.

É um fim em si
a fascinação do verde
para o andarilho.

Olhos na campina:
a hipófise se deleita
nas inflorescências.

Intempéries temperam
de temperança
os temperamentos?

Na escola do mundo,
quem se acha sabido
é ignorante.

Jardim matinal.
Carícias da brisa,
flores, em êxtase.

Mãos de veludo
tecem filigranas
no tapete da alma.

Será que sou eu?
Quase não me reconheço
no retrato antigo.

Trem intermitente.
Em sete estações noturnas,
recebeu viajantes.

Cada manhã,
um teto diferente.
Fortuna itinerante.

De um lado, cara.
Do outro, coroa.
A sorte está lançada.

Hoje, seiva.
Amanhã, cinza.
Lição das flores.

Verão: luz e sombra.
Primavera deixou rastros.
Jardim florescido.

De volta ao jardim
de um venturoso outrora.
O que passou, passou.

Colheita de poetas.
O jardineiro poda
a erva dos troncos.

De fraque preto e branco,
a urraca
passeia sua elegância.

Vacas comungam
em silêncio.
Solene ruminação.

Donairoso cisne,
que sabes de Mallarmé
que te enalteceu?

Lua no céu
e um gato na estrada.
Solidão da noite.

É, tempo velho,
tampouco eram estas
as pedras da calçada.

Roda de samsara:
O nirvana em cada giro
e não percebemos.

A noite chega,
sombras e quietude.
Pontes iluminadas.

Tu, farol no céu,
ó Lua, deusa do mundo!
Na terra, sombras.

O melro caprichoso
desenha aguda chispa
no raio do voo sonoro.

Vestida de luz,
a borboleta pausa
no corpo da tarde.

As mãos do poeta,
casulos de seda,
liberam libélulas.

A borboleta colhe
restos de pólen
na mão do poeta.

Gotinha de ego:
quanto mais te reduces,
mais és oceano.

Hóspede
do horto montanhoso,
repousa o vilarejo.

Portentoso cedro,
delicados filamentos.
Força e beleza.

Noite de setembro.
Encantamento em tudo:
o além é aqui.

Manhã de encantos
em todas as colinas.
Que luz boa em Lisboa!

Flores ocre e amarelas
esvoaçam.
Jardim de outono.

Gaivota fotogênica
pousou no parapeito da lenda
e pediu um retrato.

Quantas vezes o vento
apagará meus rastros
no chão do parque?

Bois, olhares serenos,
meditam em silêncio.
Dizem adeus ao sol.

Retiro o gorro.
A inspiração vem
pela moleira.

Extrema humildade:
o caracol imita
a forma da Via Láctea.

O cipreste mostra,
com ramos verdes,
exemplo de longevidade.

Folhas ocre e amarelas
esvoaçam.
Jardim de outono.

Manhã nebulosa.
Pombos se aproximam,
mendigando afeto.

Sobre o telhado,
um corvo vocífera
contra um cão que late.

Gaiola de metal.
Pequeno pássaro
louva a luz do dia.

Passarinhos vadios
cantam na manhã feliz.
Céu azul, árvores verdes.

O frio anoitece o dia.
No arvoredos,
pássaros se recolhem.

A rosa da montanha
sonha
com a primavera do céu.

Verde fluido,
bálsamo de aromas.
Caminho encantado.

Abelha gluttona
pousa em meu sorvete
e fabrica mel.

Folhas caem como chuva.
Brincam pardais
saltitando no chão úmido.

Com sementes de sal,
planta pétalas de nardo:
prodigiosa neve.

Cerejeira branquinha,
na praça da igreja.
Trouxe a primavera.

A folharada amarela
cobre a relva verde.
Quem inventou a beleza?

Serenidade.
Qualquer lugar
é o monte Yoshino.

Leio Buson
e imagino
o castelo de Kyoto.

Matsuo Bashô,
mendigo peregrino.
Suave presença.

Qual Jó, estoico,
Kobayashi Issa:
sem família e sem casa.

Santoka Taneda,
pobre monge itinerante.
Livre como o vento.

Tan Taigi,
contemplativo jardineiro
do templo Daitoku-ji.

No banco da praça,
a anciã faz tricô.
Exercício zen.

Na memória,
o ensino dos Budas.
Caminho, logo escrevo.

Vou solitário,
rastreando
veredas de silêncio.

Noite de sábado.
Cidade acesa,
peregrinações.

Do deserto ao oásis,
minha oferenda.
Rei mago da inquietação.

Que existe,
na essência do mundo,
além dos portos do destino?

FOGO

O fogo, rei bailarino,
ostenta veloz
sua coroa de ouro.

Fulgor cristalino
mostra a cara do dia:
espelho solar.

Flamejante fulgor,
fulgura o fogo
seu fluxo fluido.

De quinta grandeza?
Cinco vezes
imenso, Sol.

Sol e outono,
qual o ourives,
qual o pintor?

The wind whispers.
The swirl whistles.
Winter is the winner.

Luz piramidal
revela-se ao andarilho.
Presente do céu.

Prados de luz,
triunfos da tarde,
deslumbramento.

Arde o crepúsculo.
Fogueira nebulosa,
fluidos etéreos.

Medalha de ouro
no concerto do poente.
Lâmpada votiva.

A nave da Lua
e o farol do Sol.
Cais do infinito.

Sol da manhã.
Plenitude visionária.
“Ô temps, suspends ton vol”.

O dia luminoso
expande calor.
Da montanha, desço ao rio.

O fogo ligeiro
se assemelha mesmo
a uma salamandra.

Fogo branco e frio
arde na folhagem.
65 anos.

A chama inquieta,
espada de luz,
quer regressar ao céu.

Domingo de sol,
a caminho da praia.
Tonalidades de azul.

Vim reverenciar-te,
lâmpada celestial.
Ganhei o dia.

Com que mágica
secaste as folhas,
fogo transparente?

Montanhas de vapor,
brilham as nuvens.
Dádivas do Sol.

No calor de janeiro,
estremece a tarde:
venturosa sombra.

Brilha o Sol,
afugentando
a melancolia da tarde.

Fluido incandescente,
o Sol escreve
no papiro das retinas.

Entre as nuvens,
pérolas incandescentes:
pétalas de prata.

O Sol, clarividente.
Pérolas
na folhagem cintilante.

Quarenta dias
dormindo no chão.
Meu lugar no mundo.

Sol tímido de outono.
Renovada sensação
de estar vivo.

Em vão, andei depressa:
a tarde virou noite.
Resta aceitar.

A Lua brilha:
fúlgido candelabro.
Noite encantada.

O Sol prateado
dilui sua tinta
nos meus cabelos.

Anoitece, anoitece.
O Sol trabalhou tanto,
merece um repouso.

AR

Flores primaveris.
Perfume visual.
Imito as abelhas.

Álamo esbelto,
bailarino do dia
na orquestra do vento.

Importa o que fiz
ou o que farei?
Sopra inefável brisa.

Que queres, vento indiscreto,
na saia das mulheres?
O prêmio da surpresa?

A borboleta,
Chuang Tse e Matusalém.
Qual é quem?

Céu dourado.
Um bando de aves
em união revoa.

Espelho matinal,
fantasma de mim.
Imagem do enigma.

A tarde declina,
a sombra cresce.
Relógio do Tempo.

Tudo ou nada.
Alguém e ninguém,
na pista do enigma.

Singra o mar
e acende as luzes da urbe
o avião anfíbio.

Dragão disfarçado
(cerração na serrania),
passa um helicóptero.

O helicóptero
finge ser gafanhoto.
Helipócrita.

Lua no céu
e um gato na estrada.
Solidão da noite.

Noite enluarada.
A folhagem canta
em serenata.

Árvores de espuma
flamejam
na floração do espaço.

Oxigênio, amigo:
seguimos nessa unidade,
indissociáveis.

Com armas e cães,
voraz caçador do apego,
voa, pensamento!

Límpida manhã
cintila nas cores.
Lúcida miragem.

Lúcida miragem:
nas gavetas da noite
guardam-se as grinaldas.

O grilo, bom juiz,
apita a noite inteira
o jogo das estrelas.

No jardim das nuvens,
o Sol doura a seda azul
da cortina aérea.

Tarde invernal.
Derradeiros faróis
na fresta das nuvens.

Sombra de verão.
Nos poros e alvéolos,
oásis do vento.

Quinto Império
na fragata da harmonia.
O vento é propício.

Dragão das nuvens:
veículo de Zenon
velozmente imóvel.

Em diversas direções,
riscam o céu
os aviões.

Nuvens e vento.
Sombras e sons.
Movimento do tempo.

Sombra que me acompanha,
irás comigo
ao País do silêncio?

Os sinos da catedral
cantam o meio-dia.
Depois, silenciam.

Vem, sanhaçu,
romper, com filigranas,
meu silêncio exilado!

Horizonte da colina,
o céu tem ondas.
Mar de névoa clara.

O céu comanda.
Água e terra obedecem
ao vertiginoso azul.

Cruzo a névoa
em noite de temor,
e adentro o dia.

Inclinam-se
os crisântemos amarelos.
Brisa vespertina.

Árvores ao redor,
perfumes no ar.
Jardins do Retiro.

Sobre os altos pinhais,
a orquestra dos pássaros
afugenta a dialética.

Sento-me em lótus,
coluna ereta.
Respiro fundo.

Névoa de sombra,
luar de alabastro,
horto de aromas.

Frio outonal
crestou as folhas
espalhadas pelo chão.

Vento gelado.
Por entre nuvens, o Sol
brilha e se esconde.

Tarde perfumada.
Passarinhos voam
entre o céu e a terra.

Que música
preencherá as horas
quando não houver mais dia?

Tarde de nuvens sombrias.
Nos ramos verdes,
brisa e silêncio.

A noite se anuncia
na penumbra da tarde.
Haverá estrelas.

Mirada ao céu,
prazer dos sentidos.
Passeio aéreo.

Gato preto
no verde horto.
Sinos ao longe.

Dobram os sinos,
música no céu.
Apogeu do dia.

Amanheceu chovendo.
Um sino bateu
nos quintais de outrora.

Sob as nuvens,
o perfil das coisas:
celeste remanso.

Suave frescor,
avenidas ao longe.
A Lua, fulgente, no espaço.

O vento canta,
brinca na folhagem.
As árvores murmuram.

As plantas sussurram
quando entregam folhas
ao vento brincalhão.

Meio-dia, sol a pino.
Uma folha cai.
Brisa de verão.

Rumor de sonho
no espaço da tarde:
volúpia de vento.

Tarde cinza.
O sol se dilui
no alumínio das nuvens.

Luz e sombra.
Flocos cintilantes
no esmalte das folhas.

Um avião risca o céu.
Aos passageiros,
desejo boa viagem.

Ante a expansão azul,
respiro o puro ar.
Tenho pena de partir.

Ao meio-dia,
silêncio no ar.
O vento consagra o tempo.

Ó tempo!
Tua voz escuto,
no rumor do vento.

Seis da tarde,
um sino torna solene
o silêncio das flores.

Noite enluarada.
A folhagem canta
em serenata.

Shavasana frontal.
O gongo de Buda
me despertou.

Pássaros cantam
como outrora, inebriados.
Outro é o momento?

ÉTER

Sol dos dias claros,
não me negues a ilusão
que a verdade traz.

Sol de reflexo
azul e branco.
Espelho do futuro.

O Sol artista
pinta nas folhas
flores de luz.

Na tarde fria,
o Sol fraterno
abraça o mundo.

Na noite do mundo,
viajo contigo,
Lua peregrina!

Lua estrangeira,
gira os ferrolhos
das portas do mundo!

Cresce, Lua,
quero multiplicar
minha esperança!

Às três da tarde,
disfarçada de nuvem,
metade da Lua.

A cor da açucena
revela, sem disfarce,
o DNA do céu.

Caminhos da infância.
O ontem é hoje
ou o tempo parou?

Um arco-íris!
Tudo é motivo
para um recomeço.

Dezembro já,
e a elipse etérea
da roda do tempo.

Espetáculo de cores
na noite encantada.
Neblina e quietude.

“Ver com o coração”,
diz o predicator
da clarividência.

Nada como o azul
de um dia de paz.
A vida continua.

Aquele eu sou,
universo em expansão,
aqui e além.

Sol no coração,
deixo que o frio aconteça.
O calor sou eu.

Amanhecerá,
do outro lado da noite,
um dia sem sombras?

No salão de luz
o xamã chama o sereno.
O silêncio brilha.

Filme de suspense,
sem tela nem projetor.
Cinema de Índio.

A imaginação,
pássaro em gaiola,
quer prender o tempo.

Não tens paradeiro?
Alegra-te, peregrino,
o tempo é fluido.

Tempo, és outro
e, no entanto, és o mesmo?
Será que entendi?

Cai a noite.
Crescem mistérios
nos sonhos e nas estrelas.

Madrugada pura.
Na janela, o luar.
Pensamentos mil.

Sol de cristal fluido
na casa em que habito.
A benção, meu pai.

Os olhos e a luz
em cumplicidade
no dia que se faz vida.

Quem somos, quantos?
Pergunto ao espelho.
Responde, minha sombra!

Clarins da manhã
ressoam o novo dia.
Hora translúcida.

Concerto de luz. Viajar, viajar.
Incomensurável trilha:
rastros do Sol.

Embarcar com Morfeu.
Rede de pescar sonhos
na proa da jangada.

No sublime instante,
a placidez das Eras.
Mistérios do Tempo.

Rebrilham vivas,
luzes fluidas
no painel da noite.

Dormir não é fácil,
Lua na janela.
Penso em tanta coisa!

Noturno matinal.
Poupa-me embates,
Morfeu generoso.

O passado, onde?
O futuro, quando?
O presente, como e por quê?

O rosto de minha mãe:
ausente há sete anos
ou há sete minutos?

Luar sublime
sobre o mar cantábrico.
Noite visionária.

Noite misteriosa.
Rainha das sombras,
és mais antiga que o dia?

Silêncio nos jardins.
Peregrina solidão,
sagrada quietude.

Entardecer sereno.
Belo como a luz
do perdão.

Cidade acesa,
multidões nas ruas.
Plenilúnio branco.

Acima dos telhados,
nem teto nem chão.
Casa do imponderável.

Multidão entende
a palavra do Buda.
Instante zen.

Instante da plenitude.
Eu e a borboleta
somos um.

Flora de luz,
campos da eternidade.
Vegetação cósmica.

Cristal de lua.
Archote, pérola viva,
castelo astral.

Folhas crestadas.
Vertigem mística
na noite de outono.

Manchas no céu
e além do nevoeiro
estrelas se anunciam.

Ao cair da tarde,
sopra o vento infinito.
Cores da eternidade.

Ao fim do dia,
o mistério do tempo:
tardes da minha infância.

Quadrante de cintilações:
árvore da vida,
folhas de luz.

Junto à natureza,
o sereno encontro
com a verdade interior.

Música em mãos ágeis.
O arco-íris veio à praça
consagrar o momento.

Energia serena
as mãos irradiam.
Shiatsu revigorante.

Mãos de veludo
tecem o agasalho
da serenidade.

Ser e não ser
flutuam no vazio
do vento transparente.

No regresso à origem,
cinza e pó.
Orbital da galáxia.

O tédio é imenso.
O êxtase dura pouco.
Carpe diem.

Água corrente
vira neblina
no imenso éter.

Este livro foi composto em Garamond corpo 12
e impresso sobre papel Pólen Bold 90g/m²,
para a Confraria do Vento, em outubro de 2023.

MÁRCIO CATUNDA nasceu em Fortaleza. Curso Direito na Universidade Federal do Ceará, em 1979, formou-se pelo Instituto Rio Branco, Brasília, em 1985, e, em 1989, pela Faculdade de Letras, CEUB, Brasília. Aposentou-se em 2017, pelo Ministério das Relações Exteriores, após décadas de serviços dedicados ao Corpo Diplomático Brasileiro, quando residiu em diversas capitais internacionais, como Argel, Madri, Acra, Lisboa, Sófia, Lima e Santo Domingo. Publicou mais de quarenta livros de poesia e prosa, alguns dos quais no idioma castelhano. Dentre outros prêmios literários, ao longo de sua carreira como editor de sua própria obra, o recente *Paris e seus Poetas Visionários* recebeu o Prêmio Cecília Meireles 2021, da União Brasileira de Escritores. Editou também discos, com poemas musicados e cantados por diversos parceiros. Membro da Associação Nacional de Escritores de Brasília, da Academia de Letras do Brasil e do Pen Clube do Brasil, com sede no Rio de Janeiro.

Roda de samsara:
O nirvana em cada giro
e não percebemos.

A noite chega,
sombas e quietude.
Pontes iluminadas.

Tu, farol no céu,
ó Lua, deusa do mundo!
Na terra, sombras.

O melro caprichoso
desenha aguda chispa
no raio do voo sonoro.



9 786558 440529